

## AS DUAS FACES DE DORIAN GRAY

**Cassiane Rodrigues dos Reis**<sup>1</sup>

**Amanda Schio Hübner**<sup>2</sup>

**Munike Martins Bonet**<sup>3</sup>

**Elza Ilha Padilha Pereira**<sup>4</sup>

O romance *O retrato de Dorian Gray*, escrito pelo irlandês, Oscar Wilde, foi produzido numa época marcada pelo declínio da moral religiosa e por uma arte sem idealização dos fatos vividos. Na ocasião de sua publicação, houve grande polêmica sendo considerado imoral pela sociedade vitoriana da época, com valores essencialmente conservadores. Nesse contexto, o autor nos contempla com a história de um homem rico e belo, Dorian Gray, que vende sua alma em troca da juventude eterna, enquanto sua caricatura envelheceria num retrato escondido num porão. O grande tema dessa obra é viver uma vida dupla: um lado bem-visto pela sociedade e, de outro, um lado obscuro, repleto de vícios e devassidão. Ao longo do enredo percebemos uma obsessão latente pela beleza e pelo poder, o que acaba decepcionando mais do que dignificando o conceito do belo. O protagonista assume a vida intensamente como se fosse sua obra de arte e rejeita a consciência coletiva em nome de suas próprias ambições e prazeres. Assim, este estudo bibliográfico parte do seguinte questionamento em relação ao personagem Dorian Gray: ser eternamente belo, mesmo que para isso, a inteligência e a moral sejam sobrepujadas, ou aceitar envelhecer conforme o tempo determinar, preservando os valores morais? A partir dessas dúvidas e angústias que a personagem vai se degradando, tanto física como moralmente. E, nessa dualidade, em que vive, a obra vai se revelando. A faceta humana deteriorada é apresentada na narrativa para denunciar a hipocrisia que reinava na sociedade da época. No livro também são abordados os seguintes opostos: a morte e a imortalidade; a juventude e a velhice; a moral e a indecência. O protagonista brinca com o poder de conquistar homens e mulheres, seduzindo-os e logo em seguida descartando-os. Por fim, a análise desse clássico literário, será contrastada com a teoria de Platão (1972), a qual declara que "tudo que é belo, é bom" e também nos valeremos dos teóricos, Kalina e Kovadloff (1989) e de Hutcheon (2000), que contribuirão para o aprofundamento dos discursos implícitos que levam Dorian Gray a perseguir, a qualquer custo, o ideal de beleza e juventude.

**Palavras-chave:** retrato, belo, juventude, dupla personalidade.

### Referências:

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

---

<sup>1</sup> Aluna UNIFAAHF; Letras; cassi.reis16@gmail.com.

<sup>2</sup> Aluna UNIFAAHF; Letras; amandaschio@live.com.

<sup>3</sup> Professora UNIFAAHF; Orientadora do NEELP; Mestranda em Letras; Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa; [mony\\_mb20@yahoo.com.br](mailto:mony_mb20@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Coordenadora do Curso de Letras e dos Cursos de Pós-graduação presencial da UNIFAAHF. [coordenacaoletras@faahf.edu.br](mailto:coordenacaoletras@faahf.edu.br).

KALINA, E.; KOVADLOFF, S. *O dualismo: estudo sobre O retrato de Dorian Gray*. Trad. Oswaldo Amaral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 118 p.

PLATÃO. *Diálogos*. O Banquete. In: Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Abril, 1972. (Os Imortais da Literatura Universal).